

O IRREFREÁVEL, DE ALEXEI BUENO – DEVIR E PERMANÊNCIA

Henrique Duarte Neto

Livro recém-lançado, neste 2025, *O irrefreável*, de Alexei Bueno, saído por sua própria editora (Anadiômene), é um caso de poema-opúsculo potencializado por distintas atmosferas cromáticas. O aludido irrefreável é um rio, ou antes córrego, que atravessa parte da capital do estado do Rio de Janeiro prefigurando para o poeta-pensador reflexões e imagens acerca do ser humano, das coisas em si e, no geral, do próprio fenômeno da existência, em sentido estrito e amplo. Esse rio, inclusive, tem nome, Trapicheiros ou Trapicheiro, sendo cada uma das formas enaltecida, já que o período de tempo em que se fez e faz alusão a ele se alterou, gerando, assim, a dualidade referencial. O poema de certa forma segue o desnível do rio (desnível mais intuído pela estrutura do que dito pelo poeta), com versos longos e curtos, prioritariamente sem o recurso explícito das rimas, o que em livros como *O sono dos humildes* (2021) e *Naquele remoto agora* (2024), esteve, pelo contrário, presente de forma recorrente.



Por outro lado, para dar conta deste exercício de apresentação e resenha crítica do livro, faz-se necessário remeter a uma parte da tradição poético-filosófica em torno do personagem literário “rio”, engendrando suas possíveis conotações convergentes e divergentes em relação àquele ensejado por Alexei. Sem ser como o rio de Alberto Caeiro, mais belo que o colossal Tejo (esse heterônimo de Fernando Pessoa que ficcionaliza o rio aldeão), nem o gigantesco e histórico Capiberibe, de *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, aquele que aparece em *O irrefreável* é um “Pobre fluxo insignificante, que só é fundo na minha memória” (BUENO, 2025, p. 9). Além de calar fundo no eu-lírico (que não possuirá convergência, para usarmos o termo empregado por Michael Hamburger (2007), com o eu empírico?!), trata-se também de um rio simplório e podre, em que se enxergam personagens decaídos e marginais, como os mendigos com elefantíase, os bêbados que nele vomitam, as crianças pobres a caçar girinos (BUENO, op. cit., p. 9-10).

Dessa forma, pelo aspecto singelo traz à mente o rio de Caeiro, mas sem o paganismo e o caráter bucólico deste. Já pelo aspecto da podridão, provoca aproximações, em certo sentido, com o lamacento Capiberibe de *O cão sem plumas*, um rio de “fecundidade podre” (MELO NETO, 2003, p. 108). Mas pela urgência da comparação com os seres dissolutos, lembra mais Augusto dos Anjos, em inúmeros cenários, a articular e desarticular sonoridades ásperas em relação aos seres mais

sombrios e repugnantes (ANJOS, 1996). A atmosfera e a linguagem expressionista de Alexei, em certos momentos, como nesse referido, possui parentesco com a do poeta do *Eu*.

Ademais, por estar enfeixado na cidade dos homens, é o destino do rio ou córrego de Bueno descer e aderir ao grande mar, num fluxo que parece ser eterno e inesgotável. Ao contrário, do rio aldeão de Caeiro, “que não faz pensar em nada”, pois “Quem está ao pé dele está só ao pé dele” (PESSOA, 1997, p. 216), o do poeta carioca ilumina uma constelação de ideias, que, amalgamadas às imagens, tornam a paisagem pluvial sofisticada e densa.

Nesse sentido, o rio cantado em versos por Alexei Bueno é “irrefreável” (BUENO, 2025, p. 13) porque goza de uma espécie de liberdade fundamental, sendo em certos momentos considerado pelo poeta como pura propagação do devir e, em outros, a única expressão de durabilidade, de permanência, sendo que ao ser humano só cabe necessidade, aprisionamento e corrosão. Nesse sentido, a questão do devir vista em Heráclito por um intérprete como Nietzsche é oportuna (Cf. NIETZSCHE, 1995). O devir, mais que o logos, nessa interpretação, é a pedra-basilar que rege o mundo das evanescências, em que o ser não é, apenas está sendo. Heráclito, na visada nietzschiana, é o exato oposto de seu posterior antípoda Parmênides. Os dois inaugurariam tradições diversas na Filosofia Ocidental. Uma, a heraclítica, minoritária, ligada mais aos sentidos e à intuição, e outra, preponderante,

de foro parmenídico, vinculada mais ao conhecimento lógico e racional.

Para Heráclito, nada é permanente, tudo está em constante metamorfose, mesmo os princípios intrínsecos ao jogo cósmico, ao jogo da criação e da consumação de tudo no fogo. O filósofo de Éfeso chega a afirmar mesmo que: “Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas” (BORNHEIM, 1989, p. 36). Este fragmento de número 12, talvez o mais famoso do filósofo pré-socrático, rompe não só metaforicamente com a durabilidade das coisas, mas a projeta como fundamento cosmogônico.

Em *O irrefreável*, Alexei Bueno oscila, como já o afirmamos, entre a efemeridade das águas, seu fluir, e, por outro lado, sua permanência. Assim, essa duplicidade de perspectiva: “Como nunca percebeste teu esvair-se,/ Por interminável,/ Eu e os outros, nós então não percebemos nada” (BUENO, 2025, p. 11). Aqui um devir que, em relação ao rio parece se autoanular, pois perpétuo. Já mais à frente, tal como o homem, a mesma efemeridade é projetada no rio que flui: “Algo nos une, no entanto, irrevogavelmente./ Como eu fluí, fluíste, segundo por segundo.” (BUENO, 2025, p. 15). Aqui os dois, homem e rio, na cena imaginada por Alexei, perfazem um viés efêmero, apenas estão sendo ao invés de ser.

Mas um pouco mais à frente, Alexei direciona seu versejar sobre o rio para uma rota preponderante e, mesmo, na contramão da perspectiva heraclítica: “– As águas chamam as águas,/ Mas

eu não sou as águas que passam, eu sou o passar das águas,/ Eternamente o mesmo, pois não me vou com elas, como com seus instantes ele se vai./ Todos os instantes que o constituem mutilam-no ao gerá-lo./ Eu permaneço, móvel e fixo, sob o sol, sob a lua, as nuvens e as estrelas” (BUENO, 2025, p. 17). Há aqui, sem dúvida, um diálogo explícito com o rio de Heráclito e com a ideia da inconsistências das coisas. Através das imagens ricas se criam ideias sofisticadas e complexas. As águas, efêmeras, passam, mas o rio não é as águas que passam. O rio é o passar das águas, que, por assim ser, não viola sua integridade, sua condição essencial. O rio permanece mesmo passando, na antinomia de ser, verdadeiramente, fixo e móvel, como proclama o próprio poeta.

Mas o clímax das relações entre o rio e o homem, aqui este bem mais como o ser de exceção, ocorre já quase no final do livro, quando o poeta propõe: “Escorro como tu, mas estou lá, não sei como, mas estou lá,/ Desfaço-me como uma vela, e continuo,/ Que será feito de tal luz, já bruxuleante,/ Que reverbera, que segue como um raio inútil pelo Universo inteiro?” (BUENO, 2025, p. 25) Apesar das fragilidades, tanto o rio-córrego, quanto o homem-poeta, permanecem em meio aos percalços. As narrativas do rio e do verso, que descem, respectivamente, as montanhas e as páginas tendem a um não esgotamento no fluir incessante. Um fluir que, paradoxalmente, é marcado pela presença e permanência. A fragilidade ecoa na natureza e entre os leitores. Mas uma fragilidade que reverbera positivamente, tornando-se potência expressiva.

Assim, aspecto central no livro de 2025, e que é recorrente na poesia de Alexei Bueno dos últimos tempos, embora já apareça na de todas as outras épocas de sua produção, é a questão do tempo – do tempo matizado pelo viés psicológico/existencial. Como vimos, uma questão complexa, pois o devir é complexo. Entre a efemeridade e a permanência se propaga uma escala de gradação hermética. O rio de Alexei Bueno, pequeno, diminuto, mas agora duplamente perene, pelo seu fluir-permanente e pela sua expressão dentro da poesia, vivamente amplificada, torna-o aos seus leitores inesquecível. A própria poesia do autor de *O irrefreável*, mostra-se sem freios quando o intuito é emocionar e tornar bela a verve lírica. Talvez o rio e o poeta do rio se tornem um dia, como previu na última página do opúsculo, uma só coisa (BUENO, 2025, p. 29), com certeza já têm seus caminhos umbilicalmente ligados.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização, fixação do texto e notas Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BORNHEIM, Gerd A. (Org.) *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1989.

BUENO, Alexei. *O sono dos humildes*. São Paulo, Patuá, 2021.

BUENO, Alexei. *Naquele remoto agora*. Rio de Janeiro: Anadiômene, 2024.

BUENO, Alexei. *O irrefreável*. Rio de Janeiro: Anadiômene, 2025.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na idade trágica dos gregos. Tradução de Maria Inês Madeira de Andrade, revisão de Artur Mourão. Rio de Janeiro: Elfos, Lisboa: Edições 70, 1995.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

HENRIQUE DUARTE NETO é poeta, ensaísta e funcionário público catarinense. Publicou quase uma dezena de livros de poesia e mais alguns de crítica literária. É doutor em Literatura pela UFSC.